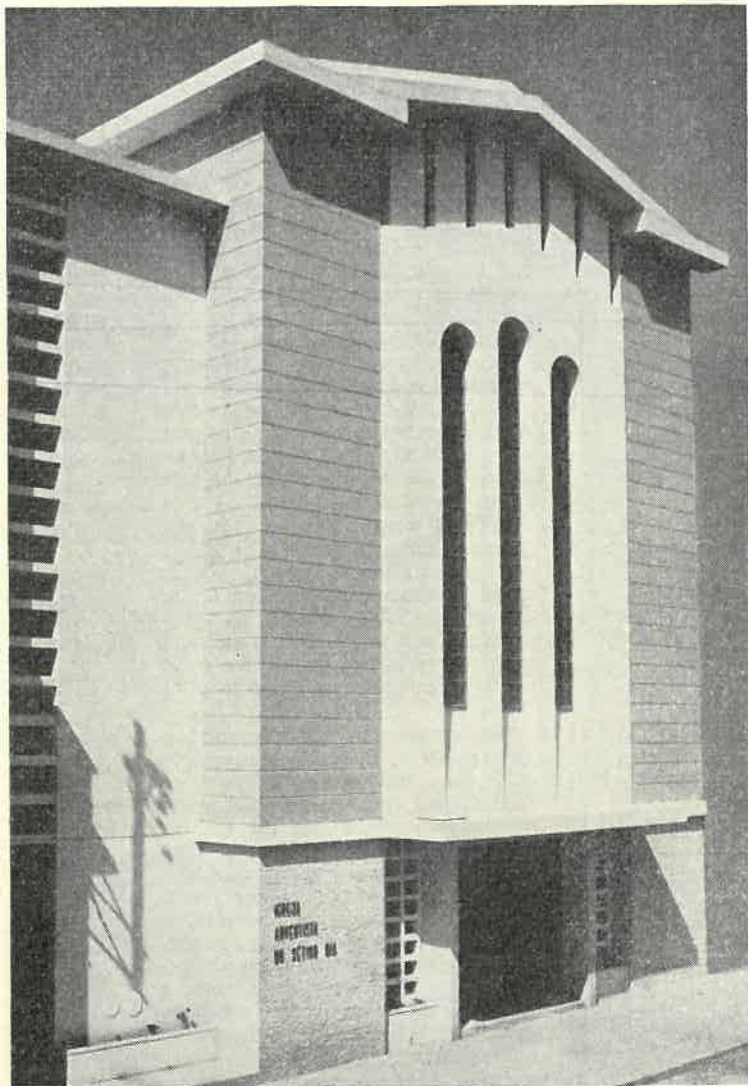


REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

— A glória da graça
de Deus

Pág. 3



TEMPLO DE SETÚBAL

Inaugurado em 8 de Maio de 1971

SUMÁRIO

Página editorial
A glória da graça de Deus
Ellen G. White e o dom profético
Através do mundo adventista
História do mês
Notícias do campo
Agenda adventista
Cálice único ou copos individuais na Santa Ceia?

JUNHO 1971

ANO XXXII

N.º 297

Director e Editor:
ERNESTO FERREIRA

Administrador:
D. S. R. VASCO

Corpo de Redacção:
A. CASACA, O. COSTA,
A. ECHEVARRIA, M. LARANJEIRA e A. C. LOPES

Proprietária:
PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFACIO, 17
L I S B O A

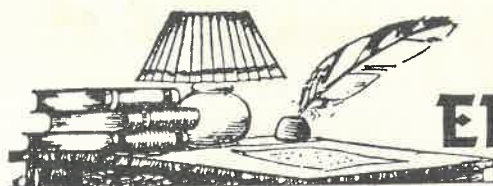
Administração:
RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V Ê M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Número avulso: 4\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página
EDITORIAL

REFORMA DENTRO DA IGREJA

Não há dúvida de que na Igreja dos últimos dias se torna necessária uma reforma. A ela se refere a mensagem à Igreja de Laodiceia, que representa o povo remanescente. A ela se referiu também E. G. White, quando escreveu: «É chegado o tempo para se realizar uma reforma completa.» — Testemunhos Selectos, vol. III, pág. 254. E é assim que em visões da noite ela viu «um grande movimento reformatório entre o povo de Deus». Ibid., pág. 345.

Este movimento tem de operar-se em cada um de nós individualmente, condição prévia para que possa atingir a Igreja como um todo. Mas para nos reformarmos não necessitamos de sair da Igreja; devemos, pelo contrário, permanecer nela.

Sucede, porém, que através dos tempos se têm levantado, para pouco depois desaparecerem, grupos cujos componentes, em vez de se reformarem a si mesmos, se insurgem contra a Igreja e dela se separam, pretendendo que o seu grupo particular seja a única genuína Igreja.

Não apresentam nenhuma mensagem positiva. O que professam de verdadeiro, baseado na Bíblia ou no Espírito de Profecia, é igualmente professado pela Igreja de que se separaram. A única característica que os distingue é a maledicência. Quando descobrem qualquer imprudência ou falta nalgum crente, e sobretudo nalgum dirigente, regozijam-se como se tivessem descoberto uma peça de grande valor, e logo a adicionam à sua colecção para a apresentarem no momento mais oportuno.

Como Coré e os que o acompanharam outrora na sua rebelião contra quem dirigia o povo de Deus, procuram minar a confiança dos incautos na direcção da Igreja de hoje. E «ao mesmo tempo em que se esforçam por destruir a confiança do povo nos homens que por Deus foram designados, acreditam realmente que se acham empenhados em uma boa obra, fazendo em verdade serviço para Deus.» — Patriarcas e Profetas, pág. 425.

Para realizarem essa obra, não receiam deturpar factos, atitudes e palavras. Temos ouvido alguns apresentarem como comprovadas acusações que sabemos serem absolutamente falsas ou terem uma explicação plausível. O próprio autor destas linhas já foi vítima dessa má fé, quando pretensos reformadores propagaram entre membros da Igreja ter ele afirmado que se não fosse o receio de perder certas vantagens materiais se uniria a eles. Pela falsidade desta acusação pode-se avaliar a falsidade de acusações levantadas contra outros e o valor dos métodos usados.

Sou o primeiro a desejar uma reforma no povo de Deus. Oro sinceramente ao Senhor que me ajude a pô-la em prática em minha própria vida. Para a realizar, porém, não necessito, nem ninguém necessita, de se revoltar contra a Igreja e de se unir a pessoas cuja mensagem característica é a maledicência.

Com efeito, «eles não possuem as credenciais divinas. Deus não lhes deu tal responsabilidade no trabalho.» — Testemunhos para Ministros, págs. 22 e 23.

«Os que se põem a proclamar uma mensagem sob sua responsabilidade pessoal, e que, ao mesmo tempo que declaram ser ensinados e guiados por Deus, constituem sua obra especial derrubar aquilo que Deus durante anos tem estado a erguer, não estão cumprindo a vontade de Deus. Saiba-se que esses homens se encontram do lado do grande enganador. Não os creiais. Estão-se aliando com os inimigos de Deus e da verdade. Porão a ridículo a ordem estabelecida no ministério, considerando-a um sistema eclesiástico imperialista. Afastai-vos desses; não tenhais comunhão com a sua mensagem por muito que eles citem os Testemunhos e atrás deles busquem entrincheirar-se. Não os recebeis; pois Deus não os incumbiu dessa obra.» — Ibid., pág. 51.

E. Ferreira

A GLÓRIA DA GRAÇA DE DEUS

Por W. Duncan Eva

«Bendito o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais, nos lugares celestiais, em Cristo; como também, nos elegeu n'Ele, antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis, diante d'Ele em amor; e nos predestinou para filhos de adoção, por Jesus Cristo, para Si mesmo, segundo o beneplácito da Sua vontade, para louvor e glória da Sua graça, pela qual nos fez agradáveis a Si, no Amado: em quem temos a redenção pelo Seu sangue, e remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça, que Ele fez abundar para conosco, em toda a sabedoria e prudência: descobrindo-nos o mistério da Sua vontade, segundo o Seu beneplácito, que propusera em Si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.» Efés. 1:3-10.

Quão excelsa é a glória do «dom gracioso com que tão graciosamente fomos abençoados!» Eis a maior maravilha e o mais extraordinário mistério do Universo — a graça indo ao encontro do pecado, cumprindo plenamente o castigo e satisfazendo as exigências da lei, apagando a transgressão de todo aquele que crê e aceita, e dando-lhe a liberdade!

Quem é suficiente para estas coisas? Tudo quanto a nossa mente pode compreender ou receber é insuficiente perante a gloriosa realidade da graça que Deus nos outorgou. E embora sigamos no rasto do pensamento de Paulo, continuamos a compreender apenas uma pequena parte dos caminhos de Deus. Todavia, apesar destas limitações humanas, devíamos falar frequentemente na graça de Deus e esforçar-nos por entender o seu significado e contemplar a sua glória, porque o verdadeiro arrependimento não vem tanto por nos alongarmos sobre o nosso pecado, como pela contemplação de Jesus e da Sua ilimitada graça.

A nossa salvação não teria sido possível se Deus não tivesse tomado a iniciativa. Nós éramos Seus inimigos. Não buscávamos a Sua face nem O procurávamos. Estávamos mortos em ofensas e pecados. O propósito de salvar teve origem no Seu grande coração

de amor. Ele achou um meio, sem comprometer a Sua justa lei e o Seu justo carácter. O Seu plano incluiu uma maneira de transformar o coração rebelde do homem e restaurá-lo para a vida espiritual.

Há um conforto maravilhoso e uma preciosa esperança quando compreendemos que Deus providenciou a salvação do homem. Conquanto a mensagem que «Deus amou o mundo de tal maneira» seja oportuna agora e em qualquer outro tempo, reveste-se de nova maravilha quando o objectivo desse grande amor incide pessoalmente sobre nós, nestas simples palavras: «Para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» João 3:16.

Porque temos nós de maravilhar-nos então com a linguagem aparentemente estranha que os escritores do Novo Testamento empregam ao referir-se à graça de Deus? Jesus «pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus» (Heb. 7:25). Pedro diz-nos que «pelo Seu divino poder nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo d'Aquele que nos chamou para a Sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as Suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas... (nos tornemos) co-participantes da natureza divina, — livrando-nos da corrupção das paixões que há no mundo» (2 Ped. 1:3, 4).

O parágrafo final de Romanos 8 assume um novo significado ao ouvirmos o jubiloso triunfo de uma alma completamente dependente de Jesus e, todavia, sob outro ponto de vista, permanecendo de pé na luz que vem do trono do eterno Deus, «santa e irrepreensível». Não admira que o apóstolo exclame: «Se Deus é por nós, quem será contra nós?» Quando o propósito de salvar é o propósito do eterno Deus, de que podemos ter falta, que necessidade podemos rezear?

«Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus?» — pergunta Paulo, e ele mesmo responde triunfalmente: «É Deus quem os justifica.» «Quem os condenará?» — pergunta de novo. «Não Cristo,» porque onde o homem foi derrotado, Ele não cometeu pecado. Morreu e ressuscitou dos mortos, e está à mão direita de Deus e «intercede por nós.» «Quem nos separará do amor de Cristo?» Ninguém. Nada há que possa sepa-

rar-nos do amor de Deus, «que está em Cristo Jesus» (Rom. 8:31-39).

Que bases sólidas, pois, para termos fé e coragem! É-nos dito que o amor de Cristo é tão forte que «domina todos os Seus poderes, e emprega os vastos recursos do Céu em fazer bem a Seu povo» (*Testemunhos para Ministros*, pág. 519). O onipotente Deus, por um acto da Sua soberana vontade, propôs-Se salvar cada alma que crer n'Ele e se submeter à Sua vontade. Estão em actividade poderosas influências que nada pode impedir ou derrotar. «Aquele que começou a boa obra em vós, há-de completá-la.» Fil. 1:6. «Embora o pecado tenha existido durante séculos, procurando anular esse amor e obstruir o seu fluxo para a terra, fluirá ele em ricas correntes para aqueles por quem Cristo morreu.» — *Testemunhos para Ministros*, pág. 519.

Não tenhamos, pois, receio, porque Deus realizará em todos nós o que for necessário para nos tornar irrepreensíveis à Sua vista, habilitar a nossa vida e carácter para um lugar no Seu reino, se dermos completa preponderância às influências celestiais que em nós trabalham diariamente.

Deus teve de achar um meio de perdoar ao homem sem comprometer a Sua lei e o Seu carácter, porque a justiça divina exige que os reclamos da sua própria lei sejam cumpridos. No livro de Efésios, Paulo convidava-nos a contemplar a maravilha e o mistério da cruz, desde o trono do Soberano do Universo à colina do Calvário: «No qual temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da Sua graça.» Efés. 1:7.

Maravilhai-vos, ó Céus, e ficai admirados, ó habitantes da Terra, perante isto!

Deveríamos meditar frequentemente no preço da nossa redenção. Quando o homem, coroa da obra de Deus, foi criado, o Senhor formou-o «do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida.» Mas para redimir o homem era necessário mais do que o trabalho da mão de Deus. O Senhor teve que tornar-Se homem e demonstrar ao Universo que os seres humanos podiam obedecer à Lei, que Deus não pedia o impossível. A Sua vida na terra mostrou também que os homens maus não toleraram por muito tempo o homem sem pecado — que o pecado leva os homens a destruir a pureza e a justiça. Por esta razão, a cruz.

Os anjos estão constantemente assombrados com a frieza e indiferença dos homens para com o amor divino. Quão poucas vezes se parte o vaso de alabastro da nossa devoção, sendo o seu conteúdo derramado com espontaneidade perante o nosso Senhor!

Dedicar diariamente tempo ao estudo diligente dos Evangelhos aquecerá o nosso amor e tornará mais profunda a nossa devoção. Devemos permitir que o Senhor nos ensine as lições que tão diligentemente ensinou aos Seus discípulos. Quando os Evangelhos são assim estudados, «a palavra de Cristo cairá nos corações obedientes com poder vivificante; e através da aplicação da verdade divina, a perfeita imagem de Deus será reproduzida» (*Testimonies*, Vol. 6, pág. 167). Compreenderemos a fraqueza do nosso coração humano e o poder da graça divina para subjugar cada impulso não santificado e profano.

Todavia, esta experiência da crucifixão do próprio eu e de a verdade ocupar a cidade da alma não advém facilmente a cada homem. Não houve qualquer ensino de Jesus que os discípulos achassem mais difícil de compreender do que o ensino da cruz. Numa ocasião em que o Senhor falava abertamente, Lucas comenta: «Eles, porém, não entendiam isto, e foi-lhes encoberto para que o não compreendessem; e temiam interrogá-l'O a esse respeito.» Luc. 9:45.

Noutras ocasiões, quando Ele falou de humilhação, eles encheram o coração com sonhos de grandeza e glória mundanas. Mesmo nas últimas horas que passaram juntos, ainda havia luta entre eles quanto a quem devia ser o maior.

Estes factos devem incentivar-nos à meditação. Acaso temos dificuldade em compreender hoje o lugar da cruz na nossa experiência religiosa? Será que desfrutamos tão pouco do poder de Cristo em nossa vida porque não nos rendemos completamente ao seu significado?

E porque não nos rendemos? Sabemos que devemos render-nos completa, final e irrevogavelmente. Qual é o obstáculo? Parece que receamos que Jesus domine completamente na nossa vida.

Embora a nossa necessidade seja incensurável, procuramos reservar para nós mesmos um certo grau de domínio, alguma esfera da nossa vida em que não Lhe é permitido penetrar. Tal como Pedro, quando chamou Jesus «à parte, começou a reprová-l'O,» por falar da cruz que estava diante d'Ele, nós não queremos dizer: «Isso de modo algum *Te* acontecerá,» e, sim: «Isso de modo algum *me* acontecerá.» É a nossa própria crucifixão que tememos.

Deus deixou-nos o relato da fé de Abraão para que os homens possam compreender o custo do sacrifício. Quem conhecerá a agonia que o patriarca sofreu no caminho de

(Continua na pág. 19)

Ellen G. White e o dom profético

Por D. A. Delafield

No seu livro *Great Women of the Christian Faith* (Grandes Mulheres da Fé Cristã), Edite Dean refere-se a Ellen G. White como «a pioneira e guia da sua igreja.» Diz esta escritora: «Certamente ela foi porta-voz de Deus. Como os profetas do passado, a sua vida foi marcada por humildade, simplicidade, austeridade, divino estudo e devoção. E como eles, ela voltou-se para Deus em busca de cura e auxílio. Tão firme a sua fé se tornou que ela realizou prodígios pelos adventistas.» — Pág. 230.

A preeminente missão da Sr.^a White foi ajudar a construir a dinâmica de uma fé bíblica num movimento cristão. A Igreja Adventista do Sétimo Dia está em débito para com ela como dirigente espiritual e pioneira. Na maioria das actividades de salvação de almas da Igreja, desde o início, os dirigentes receberam orientação daquilo que criam ser discernimento profético desta serva de Deus.

De que fonte recebeu a Sra. White as suas instruções? Acreditava ela recebê-las de Deus. E como veio a luz da parte de Deus? Em aproximadamente duas mil visões e sonhos proféticos a ela dados num período de setenta anos, que vai de 1844 a 1915. Os frutos dos seus conselhos à Igreja são observados na vida de milhares de cristãos que foram levados ao Salvador mediante a leitura dos seus livros. Suplementar evidência de seu ministério vê-se nos florescentes departamentos das actividades mundiais da Igreja, no presente.

A Sra. White não fez pretenciosas exigências de reconhecimento dos seus méritos. Conquanto não negasse ter sido chamada para a função profética, disse simplesmente: «Reivindicar ser profetisa, é uma coisa que nunca fiz. Se outros me chamam assim, não discuto com eles. Mas a minha obra tem abrangido tantos ramos que não me posso chamar outra coisa senão mensageira, enviada a apresentar uma mensagem do Senhor a Seu povo, e a empreender trabalho em qualquer sentido que Ele me indique.» — *Mensagens Escolhidas*. Livro 1, pág. 34.

Quando se lhe perguntou porque não declarava ser uma profetisa, ela respondeu: «Porque nestes dias muitos que ousadamente pretendem ser profetas são um opróbrio à causa de Cristo; e porque o meu trabalho inclui muito mais do que a palavra 'profeta' significa.» — *Idem*, pág. 32.

Quando da sua primeira visão, em Dezembro de 1844, foi-lhe mostrado o povo do advento viajando num elevado caminho para o Céu, com uma brilhante luz a iluminar-lhe o trajecto. No fim deste caminho estava a cidade dourada de Deus, a Nova Jerusalém, descrita por João no último capítulo do Apocalipse. A luz que brilhava desde o começo do caminho era um símbolo da presença de Deus com o movimento desde o seu início até à segunda vinda do Senhor. (Ver *Primeiros Escritos*, págs. 13-20.)

Aceitação do Dom com Temor

«Em minha segunda visão,» escreve ela em *Vida e Ensinos*, págs. 65-68, «cerca de uma semana depois da primeira, o Senhor apresentou-me uma perspectiva das provas por que eu iria passar, e disse-me que eu deveria ir relatar a outros o que Ele me havia revelado. Foi-me mostrado que os meus trabalhos encontrariam grande oposição, e que o meu coração seria ferido pela angústia; mas a graça de Deus seria suficiente para amparar-me em tudo.

«Depois que voltei dessa visão, fiquei imensamente perturbada, pois ela indicava o meu dever de ir entre o povo e apresentar a verdade. Eu tinha a saúde tão debilitada que constantemente me encontrava em sofrimento físico, e pelas aparências não tinha senão pouco tempo de vida. Eu tinha, então, apenas dezassete anos de idade, era pequena e franzina, não acostumada à sociedade, e naturalmente tão tímida e reservada que me era penoso enfrentar estranhos.

«Durante vários dias até altas horas da noite, orei para que este encargo fosse removido de mim e posto sobre alguém mais capaz de o suportar. Não se me alterou, porém, a consciência do dever, e soavam-me continuamente aos ouvidos as palavras do anjo: 'Torna conhecido a outros o que te revelei!'

«Eu desejava a morte como livramento das responsabilidades que sobre mim convergiam.»

Descrevendo as razões porque hesitara quando chamada a ser mensageira de Deus, ela escreveu:

«Oprimia-me o grande receio de que, se eu obedecesse ao chamado do dever e fosse declarar-me favorecida do Altíssimo com

visões e revelações para o povo, pudesse entregar-me à exaltação pecaminosa, e elevar-me acima da posição que me cumpria ocupar, bem como trazer sobre mim o desagrado de Deus e perder a própria alma. Eu sabia de casos tais, e o meu coração confrangia-se ante a severa prova.»

Finalmente, depois de muita oração e sincero exame, ela rendeu-se, aceitando a solene tarefa que Deus pusera sobre ela. Disse: «Supliquei então que, se eu devesse ir relatar o que o Senhor me mostrara, fosse preservada de exaltação. Disse o anjo: 'As tuas orações são ouvidas e serão atendidas. Se este mal que receias te ameaçar, a mão de Deus será estendida para salvar-te; por meio de aflições Ele te trará a Si, e preservará a tua humildade. Apresenta a mensagem fielmente; resiste até ao fim, e comerás do fruto da árvore da vida e beberás da água da vida.'»

«Depois de readquirir consciência das coisas terrestres, entreguei-me ao Senhor, pronta para cumprir a Sua ordem, qualquer que pudesse ser.»

E ela sentiu-se constrangida, pouco tempo depois, a dar o seu primeiro testemunho público, numa reunião na sua residência particular em Portland, no Maine. Desde então até à sua morte pouco depois do início da Primeira Guerra Mundial, a sua ousada voz foi ouvida soando aos ouvidos dos seus companheiros cristãos: Ide em fé, até mesmo às extremidades da terra, pois o Senhor está connosco, e Ele nos deu a mensagem da segunda vinda de Cristo para ser proclamada a todas as nações.

Uma notável perspectiva mundial

Ela mesmo se aventurou duas vezes como missionária: à Europa ocidental, em 1885, com a idade de cinquenta e sete anos, e em 1891 à Austrália, quando já havia passado dos sessenta. Onze dos seus setenta anos de serviço foram passados em trabalhos no estrangeiro. Foi a luz que guiou hospitais, casas publicadoras e missões cristãs.

W. P. Bradley, Secretário Associado do Corpo Missionário da Conferência Geral, um estudioso da vida da Sra. White, escreveu a respeito da perspectiva mundial que ela teve sobre a obra missionária:

«Ellen G. White pertence não apenas à América, ou à Austrália, onde passou nove anos, mas ao mundo. ...As suas mensagens espirituais colocam-se acima de fronteiras nacionais e diferenças raciais e falam à universal necessidade humana. ...»

«Nada houve de estreito ou provincial em seu ensino. Antes que a ideia de 'um

mundo só' se tornasse tão amplamente discutida no nosso tempo, esta esclarecida porta-voz de Deus descreveu como esta mensagem *una* da verdade devia desenvolver-se numa igreja, unificada em todo esse 'um mundo só'.»

Prossegue este escritor:

«A Igreja Adventista do Sétimo Dia é hoje tão internacional, em virtude da visão expansionista apresentada ante ela no Espírito de Profecia. Antes mesmo que o primeiro obreiro fosse enviado ao estrangeiro, em 1874, a Sr.^a White escreveu: 'Dever-se-ia aproveitar toda a oportunidade para estender a verdade a outras nações.' — *Vida e Ensinos*, pág. 211.

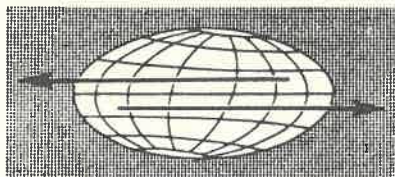
«'Pareceu-me estar numa grande reunião' — escreveu ela. — Uma pessoa de autoridade falava à congregação, e perante ela achava-se um planisfério. Disse que o mapa representava a vinha do Senhor, que tem que ser cultivada.' — *Testimonies*, Vol. 9, pág. 28. «A vossa luz não deve ser posta sob o alqueire, nem debaixo da cama, mas no velador, para que alumie a todos os que estão na casa. A vossa casa é o mundo.» — *Vida e Ensinos* pág. 216.

Ela teve a visão suficiente para dizer: 'Falai sobre a mensagem da Sua verdade, orai por ela, cantai-a, enchei dela o mundo, e prossegui avançando para as regiões longínquas.' — *Testimonies*, vol. 9, pág. 30.»

Hoje as missões mundiais adventistas alcançam uma área tão grande que representa mais de 98 % da população do mundo, enquanto obreiros missionários empregam em forma oral ou escrita cerca de 900 idiomas para alcançar os habitantes do mundo com a mensagem do Evangelho.

O empreendimento dos adventistas do sétimo dia no campo das publicações é hoje um dos de maior interesse na igreja. Há no mundo 44 casas publicadoras, as quais empregam cerca de duas mil pessoas, com seis mil colportores no campo, distribuindo literatura em 228 línguas. O volume de literatura vendida desde o início do movimento até agora atinge somas inacreditáveis, que em moeda nacional se contariam por bilhões de escudos! Em Novembro de 1848, quando um punhado de igrejas se reuniu em Dorchester, nos Estados Unidos, para planejar a disseminação da mensagem, o quadro foi diferente. Reunidos em casa de um dedicado irmão leigo, Otis Nichols, o Céu parecia estar próximo, e Ellen G. White foi tomada em visão. Das palavras que ela dirigiu a seu marido quando terminou a visão, podemos ter uma ideia da impressionante mensagem daquela hora.

(Continua na pág. 20)



ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

A mensagem adventista chega ao Brasil por meio de um bêbedor e um assassino

Na bela cidade de Brusque, Santa Catarina, berço da fiação catarinense, a providência divina achou por bem iniciar a pregação da tríplice mensagem angélica no Brasil. Como aconteceu?

Em 1878, Burchard, jovem alemão residente em Brusque (Santa Catarina), cometera um crime, e para escapar à justiça local, foi ao porto de Itajaí, onde entrou como clandestino a bordo de um navio. Distante já do Brasil, o comandante descobriu-o, e ordenou-lhe que trabalhasse a bordo como tripulante. Foi assim que durante a viagem, o jovem citado veio a conhecer dois missionários adventistas em trânsito, os quais lhe perguntaram se havia evangélicos no Brasil, chegando mesmo a dar-lhe estudos bíblicos e literatura denominacional. Burchard lembrou-se então do seu padraсто, Carlos Dreefke, luterano, que apreciava literatura religiosa, e forneceu àqueles missionários o endereço do mesmo em Brusque, para lhe enviarem literatura gratuita.

Através do porto de Itajaí, em 1879, deu entrada no Brasil o primeiro pacote de literatura do advento, endereçado ao sr. Dreefke, residente em Brusque. O pacote referido foi ter às suas mãos quando se encontrava no armazém-taberna do sr. David Hort. Porém, o sr. Dreefke, temendo uma cilada, recusou-se a recebê-lo, porquanto não fizera encomenda alguma semelhante. Por insistência do sr. Hort, afinal, abriu a correspondência, deparando com dez exemplares do periódico adventista em língua alemã *Stime der Wahrheit* (Voz da Verdade), publicado pela imprensa denominacional de Battle Creek, Michigan, nos Estados Unidos.

O sr. Dreefke, após retirar uma revista para si, deu as demais a diversas pessoas, inclusive o sr. Hort, o vendedor, cena essa presenciada pelo próprio filho deste, Adolfo Hort, contando então apenas nove anos de idade. O resultado imediato foi que dez famílias residentes em Brusque se tornaram interessadas na men-

sagem do advento, passando a solicitar mais literatura através do sr. Dreefke.

Já em 1884, surge outro personagem por nome Dresler, que se ofereceu para tomar sobre si as obrigações de pagamento, inclusive a distribuição, de toda a publicação adventista que lhe chegasse às mãos. A sua conduta pessoal era, porém, censurável. Banido da Alemanha, pelo seu próprio pai, um pastor luterano, e que desejava para o filho a missão de pastor, semelhantemente, aquela extrema decisão foi tomada para evitar maior desonra para a sua família, já que Dresler se tornara um ébrio inveterado, entristecendo a profundamente.

Apesar de tudo, o interesse pelos nossos periódicos foi sempre crescendo. E para satisfazer tal interesse, Dresler sempre pediu maior quantidade de publicações à Sociedade Internacional de Tratados, nos Estados Unidos. Foram-lhe enviadas novas revistas, como o *Hausfreund* (Amigo do Lar), e outras, e até mesmo livros pequenos e grandes. Porém, por toda a literatura recebida, e já avaliada em centenas de dólares, Dresler jamais pagou um centavo sequer à Sociedade Internacional de Tratados. Todo o dinheiro foi consumido em álcool.

Em 1887, um imigrante alemão, Guilherme Belz, que residia na colônia alemã de Gaspar Alto, a 18 quilômetros de Brusque, veio visitar o seu irmão nesta cidade, e aí deparou com o livro *Gedanken über Buch Daniel* (Comentário sobre o livro de Daniel), de Urias Smith, que aquele adquirira das mãos de Dresler. Com a atenção despertada para o livro em questão, pediu-o emprestado ao seu irmão, e levou-o para casa, onde o leu com meditação e reflexão, impressionando-se deveras com o capítulo «O Papado Muda o Sábado.» Comparando a leitura com a própria Bíblia, convenceu-se de que o sábado é o dia de repouso original, instituído e ordenado pelo próprio Criador, e de que jamais a Palavra de Deus autorizara em parte alguma a mudança do repouso sabático para outro dia. Ciente disto, em princípios de

1890, decidiu guardar o sábado com a sua família, no que foi seguido, posteriormente, por vários vizinhos seus, inclusive as famílias Olm Look e Thurn, totalizando vinte e duas pessoas. Foram os primeiros observadores do sábado no Brasil, mesmo sem conhecer algum missionário adventista.

Hoje, em Brusque, existe uma igreja com 60 membros na escola sabatina e um vasto campo missionário. No entanto, não podemos continuar o trabalho da pregação, porque não temos uma igreja. Temos um pequeno salão acanhado e impróprio, que mal suporta os irmãos, tendo as crianças de se reunir numa varanda onde existia um poço.

Ao olharmos para o passado e ao vermos como Deus suscitou dois ímpios para iniciar a pregação na cidade e no Brasil, todos estamos esperançosos de que Deus impressionará a Sua igreja para que em breve a igreja de Brusque possa ser uma realidade.

Josino M. de Miranda

Guiné Equatorial

Entre as 16 pessoas baptizadas recentemente em Santa Isabel, na ilha de Fernando Pó, Guiné Equatorial, encontrava-se o sr. Tarao Sikara, presidente da Assembleia Nacional dessa república, e sua esposa, que durante muito tempo haviam sido membros da escola sabatina.

Antes de ser eleito presidente da assembleia legislativa, o irmão Tarao havia sido chefe de uma tribo entre o povo de Santiago de Baney. Quando se alastrou a notícia de que ele pretendia baptizar-se na Igreja Adventista do Sétimo Dia, muitos dos seus amigos subordinados entraram pela primeira vez na nossa capela, para testemunhar a imeoção do ex-chefe.

Estiveram presentes muitos oficiais do governo, inclusive os ministros da Educação, da Agricultura e das Obras Públicas. Também compareceram à cerimónia baptismal o governador da província de Fernando Pó, o prefeito da cidade de S. Fernan-

do e grande número de membros da Câmara de Deputados. Muitos tiveram de permanecer do lado de fora da capela, devido à falta de lugar.

O principal assunto de conversação entre a população da ilha, durante algumas semanas após o baptismo, versava sobre a conversão do presidente da Assembleia Nacional, que abraçou a fé adventista. Como resultado, têm surgido numerosos pedidos de estudos bíblicos nos lares de pessoas interessadas.

Carlos Sanguesa

Brasil

Tenho sido bastante religioso desde a infância. Residi na cidade de Salinas, MG, onde domina o catolicismo romano. Pertenci à *Cruzada Infantil* e ganhava o primeiro prémio em religião. Também tinha o dom de desenhar e esculpir, e ilustrava as palestras do padre. Levantava-me de madrugada para ir à missa. Conhecia bem o catecismo e a *História Sagrada* (da Edição Vozes). Fabricava imagens de barro, e era muito admirado na minha cidade.

Tive certa vez o desejo de ser padre. Adquiri o endereço de um seminário redentorista e fiz o propósito de um dia ser um ministro da igreja a que pertencia. O meu zelo pela Igreja Católica era tão grande que odiava os «crentes» que começavam a crescer na minha terra.

Certa ocasião, discuti com um presbiteriano, apoiado no catecismo, e ele venceu-me, pois nada entendia na Bíblia. O meu zelo começou a arrefecer-se quando surgiram boatos escandalosos com referência a ministros da minha igreja. Presenciei um deles que tomava uma bebida alcoólica num bar. Fiquei abalado. Num dia de chuva torrencial, fomos postos fora da igreja. Chegámos a casa molhados. Gradualmente, a minha fé ia-se retirando da doutrina que professava.

O meu pai, que também era religioso, comprara uma Bíblia de um pastor protestante. O seu entusiasmo arrefeceu-se com a leitura. Eu e alguns colegas perguntámos ao padre se não haveria perigo em lermos a Bíblia protestante. Respondeu que não. Aí começaram os meus primeiros contactos com a Palavra de Deus. Pouco entendia quando comecei a ler o Apocalipse, e por isso pouco a examinava.

Em Belo Horizonte resolvi comprar uma Bíblia católica. O

meu espanto ocorreu em relação com os Dez Mandamentos. Eram totalmente diferentes do que ensinava o catolicismo. Em S. Mat. 5:17 encontrei provas de que nenhum homem poderia mudá-los.

Passeando pela praça Raul Soares, encontrei ali um Baptista, o qual me levou ao culto naquela igreja. Comovido pelo sermão, aceitei o apelo e preenchi uma ficha. Mas não sabia que aquela igreja não guardava o sábado.

Numa revista adquirida de um colportor, na cidade onde resido — Aguas Vermelhas, MG — encontrei um cupon em que era oferecido um curso sobre as Escrituras Sagradas. Comecei os estudos do curso da Escola Rádio-Postal e, com os sólidos conhecimentos ali adquiridos, já na metade do curso compreendi plenamente a verdade do sábado.

Certa vez veio a minha cidade o irmão Osvaldo Ferraz, em companhia do irmão João Souto e outros. Gostei imenso do sermão pregado por ele. Fiquei impressionado com a maneira em que foram apresentados os mandamentos divinos. Resolvi filiar-me na «Igreja dos Mandamentos Verdadeiros». Não sabia da existência da Igreja Adventista do Sétimo d.a.

Um sábado, indo a Divisa Alegre, encontrei os estabelecimentos (farmácia e loja) fechados. Entrando em contacto com os irmãos dali, fiquei inteirado da existência, nessa localidade, de um grupo da referida igreja. No outro sábado fretei um carro e fui com a minha esposa para o culto. Fui transportado para uma atmosfera celestial, e o meu ser fremia pela alegria contagiante de ter encontrado o verdadeiro caminho.

Eu e minha esposa, que também era católica, fomos baptizados em 21 de Junho de 1969, pelo Pastor Paulo Barbosa Silva, sendo este o primeiro baptismo de adventistas nesta localidade. Estamos pregando o Evangelho, esperando que o bondoso Pai Celestial, pelo Seu Santo Espírito, toque nos corações endurecidos pela incredulidade, a fim de que sejam conduzidos aos pés do divino Mestre. Somos os únicos Adventistas de Aguas Vermelhas MG.

José Heraldo dos Santos

EUA — Vítima de paralisia infantil, trabalha na Campanha das Missões

Billie Hano, membro da igreja de Hammon, Louisiana, sofre de paralisia infantil pelo que tem



Billie Hano, a irmã que, apesar de sofrer de paralisia infantil, participou na Campanha das Missões

de andar com o auxílio de muletas. Nunca antes tinha participado na Campanha das Missões, mas este ano tomou a decisão de fazer o seu próprio alvo. Consequentemente foi de um estabelecimento para o outro vendendo as revistas e como resultado angariou mais de três mil escudos.

«Nos anos passados, desde que membro da igreja, outras pessoas têm trabalhado para que o meu alvo fosse alcançado,» disse Billie, «porém sinto que me tem sido negada uma bênção. Não quero que isso volte a acontecer.»

MOÇAMBIQUE

O Pastor Alberto Nunes acaba de ser convidado pela Emissora do seu Distrito — Beira — para elaborar programas de promoção para o povo africano.

Com mais este programa, Moçambique passa a ocupar posição de destaque sendo a denominação, a Igreja de maior programação religiosa naquela Província irmã.

É encorajador o progresso da Igreja neste Departamento e sente-se nitidamente quanto Deus tem abençoado a Rádio em Moçambique. Com este programa de promoção moral e espiritual para o povo africano, passaremos a ter gratuitamente no ar, as seguintes rubricas:

Um Programa Religioso

Um Programa Familiar

Um Programa Infantil

Um Programa Africano

Como Maria chumbou o dente



«A menina tem que chumbar este dente,» disse o dentista a Maria, «ou então teremos de o arrancar. Não quer que lho tire, pois não? É um dente da segunda dentição, e se o arranca, não crescerá outro. Ficará com um buraco.» O dentista da escola deu por finda a consulta e voltou-se para a aluna seguinte, esquecendo Maria e o seu dente. Mas Maria não se esqueceu do seu problema.

Voltou para a aula pensando na maneira de obter o dinheiro necessário para chumbar o seu dente. Ela sabia que em casa não era possível fazer face à despesa. Todo o dinheiro que o pai ganhava era necessário para comprar os alimentos e o vestuário de que a família carecia.

Naquela noite ela orou a Deus para que de alguma maneira pudesse ganhar dinheiro a fim de chumbar o seu dente. Tinha fé para crer que o Senhor a poderia ajudar se ela fizesse a sua parte.

Ao regressar da escola no dia seguinte, os seus pensamentos concentravam-se ainda no seu problema. «Se ao menos o pudesse ganhar,» pensou. «Mas quem quererá empregar uma menina de dez anos de idade? Ninguém me vai querer para nada. Mas que hei-de fazer?»

Naquele momento ouviu alguém que a chamava: «Maria, Maria».

Ao voltar-se para ver quem a chamava, deparou com Dona Danielson à porta da casa.

«Chamou-me, Dona Danielson?» perguntou aproximando-se dela.

«Sim, querida, chamei-te. Vou ter de ir à cidade. Importavas-te de vir a minha casa para tomar conta do bebé?» perguntou Dona Danielson.

«Mas sem dúvida que terei muito prazer em cuidar do seu bebé; contudo tenho de primeiro ir a casa dizer à minha mãe. Ela quer sempre saber onde é que eu estou.»

«Está muito bem. Estarei pronta quando voltares,» disse Dona Danielson.

Maria correu para casa e minutos depois estava de volta. «Espero que o bebé esteja acordado, para poder brincar com ele,» disse.

«Sem dúvida, ele agora está bem acor-

dado», replicou D. Danielson. «Ele está sempre à espera que alguém queira brincar e lhe dê atenção. Espero estar de volta antes das seis; até lá não é necessário dar-lhe de comer.»

O tempo passou rapidamente. Maria ficou surpreendida quando D. Danielson regressou.

«Oh, exclamou Maria, gostei tanto de estar aqui. O Joãozinho e eu brincámos às escondidas, a apanhar, e a muitas outras coisas. Ele parece que percebe tudo o que eu digo. Nunca vi um bebé tão inteligente.»

«Estou contente porque gostaste de estar com o Joãozinho. Toma, isto é para ti. Ficote muito grata por teres cuidado do menino.» E deu a Maria 7\$50.

«Muito obrigada, mas eu não quero nada por ter estado a brincar com o Joãozinho. Fiquei até muito contente,» disse Maria.

«Oh, sim, eu sei, mas quero que aceites. Pela minha parte vale a pena quando saio saber que o menino está com alguém que pode tomar cuidado dele.»

«Mas eu preferia não aceitar,» replicou Maria.

«Quero que aceites. Tenho por hábito pagar às meninas que cuidam do Joãozinho.»

Então Maria decidiu-se a aceitar o dinheiro. Ao voltar para casa uma ideia lhe passou pela mente: era necessário chumbar o dente. «E o Senhor estava a responder à oração e eu não o sabia. E eu que não queria aceitar o dinheiro.»

E assim pôs de parte os 7\$50, pensando na maneira de ganhar mais. Ainda não tinha decorrido uma semana, quando a D. Danielson lhe pediu de novo para cuidar do menino. Desta vez ela precisava de sair à noite, para fazer uma visita com o marido. O Joãozinho já estaria na cama, e Maria teria assim ocasião de fazer o trabalho de casa.

Mais uma vez o tempo passou rapidamente. Acabava Maria de fazer os seus deveres quando o senhor Danielson entrou com a esposa.

«Então como vai a nossa amazinha? O menino deu muito que fazer?» Perguntou o senhor Danielson.

«Esteve sempre a dormir,» respondeu Maria. «Não me deu trabalho nenhum.»

«Ah sim? Muito bem, aqui está algo para ti,» disse o senhor Danielson, ao estender-lhe uma nota de vinte escudos. «Podes comprar um novo anel para ti».

«Muito obrigada,» respondeu Maria, «mas não uso anéis.»

«Não? Isso é estranho. Pensava que todas as meninas gostavam de joias,» disse o senhor Danielson com um sorriso. «E porque é que não usas joias?»

«Deus não quer que usemos joias,» respondeu Maria com um ar sério. «Paulo diz na sua epístola a Timóteo que as senhoras não se deviam vestir com vestidos caros nem usar ouro nem pedras preciosas. A mamã diz que isso significa joias. Mas eu quero o dinheiro, se pensa que o ganhei, porque tenho um dente que necessita de ser chumbado.»

«Compreendo, disse o senhor Danielson, «é assim a vida. Bem, espero que em breve tenhas dinheiro suficiente para chumbar o teu dente.»

Maria ficou surpreendida, alguns dias mais tarde, quando a D. Berton a chamou para ficar a cuidar da sua filhinha enquanto ia à cidade. Mais uma vez ficou muito contente, não só por poder ajudar a senhora Berton, mas também por poder ao mesmo tempo ganhar mais algum dinheiro.



*Estudantes do Seminário de Collonges
que ganharam a sua escolaragem*

Antes de Maria ir ao dentista para chumbar o dente, ela pagou o dízimo. Isto é, deu um décimo do seu dinheiro para a igreja. Ela tinha lido em Malaquias 3:10 onde o Senhor diz: «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro.» Ela sabia que o Senhor a continuaria a abençoar se Lhe fosse fiel.

Mais tarde costumava dizer que estava contente por ter tido de chumbar o dente, pois dessa maneira aprendeu a obter resposta às suas orações.

Ernest Lloyd

PAIS,

Desejais vossos filhos e filhas a colportar no próximo verão?

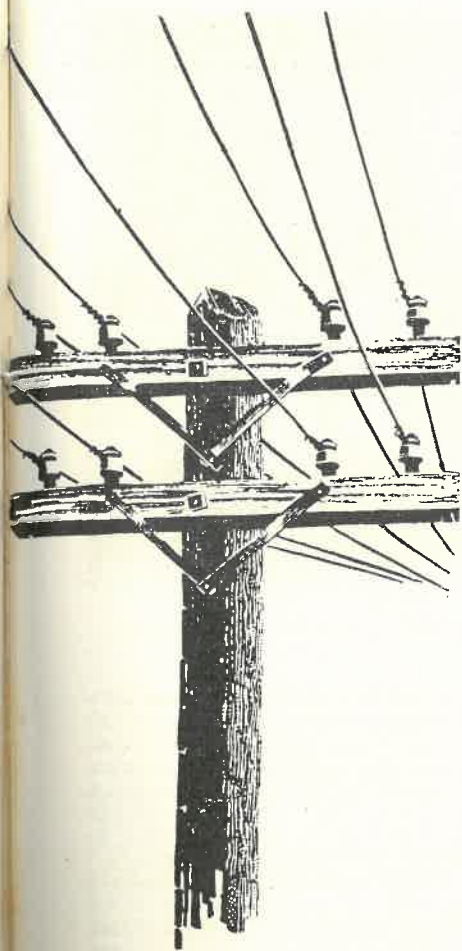
Eis sob que pontos de vista essa experiência lhes será proveitosa:

1. Aprenderão a ter confiança em si próprios.
2. Praticarão a cortesia e aprenderão a melhorar as suas relações com os outros.
3. Adquirirão uma melhor noção do tempo e do seu aproveitamento.
4. Tornar-se-ão mais despertos e agirão com mais rapidez.
5. Compreenderão melhor os graves problemas da humanidade.
6. Estarão em melhores condições para se analisar a si próprios e tomar em mãos a sua própria vida.
7. Aprenderão a conhecer o valor da oração e da meditação das Santas Escrituras.
8. Familiarizar-se-ão com o valor do dinheiro e a importância da economia.
9. Terão a satisfação de contribuir pessoalmente para a salvação de almas.
10. Como milhares de outros jovens ao longo dos anos, eles poderão, pelo seu trabalho, ganhar para pagar as suas despesas de estudos.

Porque não encararéis esta possibilidade com a vossa família? Para mais amplas informações, dirigi-vos ao secretário do Departamento de Publicações da vossa União.

E. Naenny

NOTÍCIAS DO CAMPO



OBREIROS

Paul Knudsen

De 20 a 26 de Abril esteve em Lisboa o Ir. Paul Knudsen, verificador de contas da Divisão Transmediterrânica.

Edite Hoyler

Vinda do Brasil e a caminho de Angola, fez escala em Lisboa, em 28 de Abril, a Ir. Edite Hoyler, que passa a exercer a sua actividade no Instituto Adventista do Bongo.

Maria Ivone Rodrigues Alho

Em 13 de Maio regressaram a Angola a Ir. Maria Ivone Rodrigues Alho e seu Esposo, que recentemente se submeteu a uma operação na Suíça.

Rafael Hidalgo

A fim de estudar a possibilidade da realização de um próximo acampamento de jovens adventistas espanhóis na Costa de La-

vos, esteve entre nós, nos dias 17 e 18 de Maio, o Pastor Rafael Hidalgo, secretário do Departamento dos M.V. da Igreja de Espanha.

W. Melvin Adams

De 18 a 20 de Maio esteve em Lisboa o Pastor W. Melvin Adams, secretário associado do Departamento da Liberdade Religiosa da Conferência Geral.

F A R O

De 19 a 27 de Março, realizou-se nesta igreja uma série de reuniões sob o tema «Realidades Espirituais», sendo orador o Pastor Ernesto Ferreira. Tivemos uma assistência sempre atenta à exposição da Palavra de Deus e que em parte continua ainda assistindo aos nossos cultos, encontrando-se algumas dessas pessoas na Classe Baptismal para uma breve entrega a Cristo pela conversão e baptismo.

Foi realmente um belo esforço espiritual, tanto na igreja como nas visitas aos irmãos e amigos.

No passado dia 1 de Maio tivemos o prazer de baptizar quatro valiosas almas, sendo uma delas de S. Brás de Alportel. A cerimónia decorreu num ambiente espiritual e alegre, com a presença de um bom número de irmãos e visitas. Que o Senhor abençoe a experiência cristã destes novos membros e os proteja das maquinações do inimigo!

A Deus elevamos a nossa gratidão e reconhecimento pelas almas que com nossos pobres esforços conduz ao Seu reino.

Gratos estamos, irmãos, pelas vossas bem necessitadas orações a favor deste nosso trabalho aqui no Algarve.

Vosso companheiro na fé de Jesus

Manuel Miguel

S E I X A L

De 2 a 9 de Abril realizou-se nesta igreja uma série de reuniões, que foram solene e superiormente dirigidas pelo Pastor Ernesto Ferreira.

O tempo, esse factor sempre tão importante e por vezes decisivo em alguns acontecimentos, não se associou favoravelmente,

apresentando-se por vezes muito agreste. Mesmo assim, os que se interessaram foram ficando firmes, e a Palavra fazia-se ouvir muito atentamente pelos assistentes.

Ficaram também algumas pessoas interessadas, entre as que pela primeira vez ouviram e compreenderam melhor o amor de Jesus pelas almas.

Em nome da igreja do Seixal aqui testemunhamos ao Pastor Ferreira e a sua Esposa o nosso apreço pela sua valiosa e inquecível colaboração.

F. Esperancinha

A L M A D A

A série de reuniões evangelistas feitas na Igreja de Almada e superiormente dirigidas pelo Pastor Baião, cujo título foi: «O Jesus para o homem moderno» iniciou-se na noite de 30 de Abril e terminou em 9 de Maio.

Não cometemos nenhum erro, nem ultrapassamos os limites da honestidade se dissermos que estes dias foram para todos nós, momentos de verdadeiro convívio espiritual. Causou vivo e impressionante testemunho de fé o poder de curiosidade e de reverência que os assistentes manifestaram sempre, atentos às explicações da Palavra de Deus. Atrever-me-ei mesmo a dizer que o Pastor Baião obteve uma grande vitória espiritual. Com poder de argumentação, simpatia e, sem dúvida, com a ajuda do Espírito Santo, conseguiu o Pastor Baião prender de forma evidente todos os assistentes às reuniões por ele dirigidas.

Ficará latente no íntimo de todos, o apelo da última noite em que vimos renitentes opositores a uma vida de fé, levantarem-se e tomar lugar à frente. Uma maravilhosa jornada de fé, numa época em que as responsabilidades pessoais da humanidade se vão tornando menos evidentes.

Faltariam a um sagrado dever se não tivéssemos uma palavra de gratidão para esse inteligente grupo de jovens que nos deram tanto da sua colaboração. Que Deus abençoe e faça prosperar os M. V. da Igreja de Lisboa, enquanto vão cantando, através dos seus hinos, as mensagens para os seus ouvintes. A lembrança da sua comvente

música perdurará em nós por longo tempo. Ditosa Igreja que tais filhos tem.

Por fim, e a culminar toda esta vaga de familiaridade cristã na Igreja de Almada, foi a última noite a maior de todas, e dizemos a maior de todas, porquanto sabemos que coisa alguma causa maior alegria a Deus e aos Anjos, do que haver almas baptizadas na Mensagem de Cristo. Duas almas deram ainda mais ênfase e favoreceram assim esta fervorosa e devota campanha.

De novo exprimimos a nossa sentida gratidão pelo auxílio que recebemos de todos para que o êxito fosse completo. Oremos todos pelas almas que se decidiram por conhecer mais de Cristo.

F. Esperancinha

SETÚBAL

Vão já cerca de dois anos que enviamos para a *Revista Adventista* a expressão da tristeza que ensombrava o coração de todos na Igreja de Setúbal. A data em que foi publicado o nosso lamento, tínhamos perdido a nossa casa de culto e não sabíamos onde encontrar um lugar para nos reunir. O sismo de 28 de Fevereiro tinha-nos desalojado.

A 5 de Março vêm a Setúbal os Pastores David Vasco, Secretário da União, e Samuel Reis, Vogal do Conselho, ver de perto a nossa situação. A 30 do mesmo mês visitam-nos os Pastores: Wild, Secretário da Divisão Trans-Mediterrânea; Ernesto Fer-

reira, Presidente da União e David Vasco, Secretário. Desta visita nasceu nos a esperança de que o excesso do 13.º Sábado do 3.º trimestre de 1970 poderia em parte ser dedicado à Igreja de Setúbal, mas em breve tudo se desvaneceu.

Tínhamos adquirido um velho armazem, havia mais de uma dezena de anos, mas como construir? Estávamos na primavera de 1969 e as probabilidades eram só para 1971.

Entretanto obtínhamos despacho ministerial para a construção de um Templo e logo no dia 3 de Junho entregávamos o projecto na Câmara Municipal, que imediatamente o deferiu.

Alguns meses intermédios são gastos em fazer os cálculos do betão, desenhos dos pormenores e caderno de encargos, mas no dia 8 de Abril de 1970, iam ao Seixal entregar a construção a firma A. Silva & Silva e no dia 20 do mesmo mês começava-se a demolição e concentração de materiais.

Era caminhar pela fé, havia apenas esperança numa dotação da Divisão, mas começava a descrever-se certa solidariedade em volta desta construção. Os desenhos dos pormenores e caderno de encargos eram-nos feitos gratuitamente, outras coisas por preços muito inferiores ao normal, e uma inesperada oferta facilitava-nos por empréstimo até onde fosse necessário. Nessa altura os pilares subiam e os operários como que a associarem-se na mesma vontade de colaborar, faziam o melhor que lhes era possível.



Coro da Igreja de Setúbal

No dia 4 de Junho, numa simples cerimónia, sepultávamos sob o primeiro betão, numa caixa metálica, uma Bíblia com uma mensagem lida e assinada pelos presentes, aproximadamente sob o lugar onde se encontram as letras do nome do Templo.

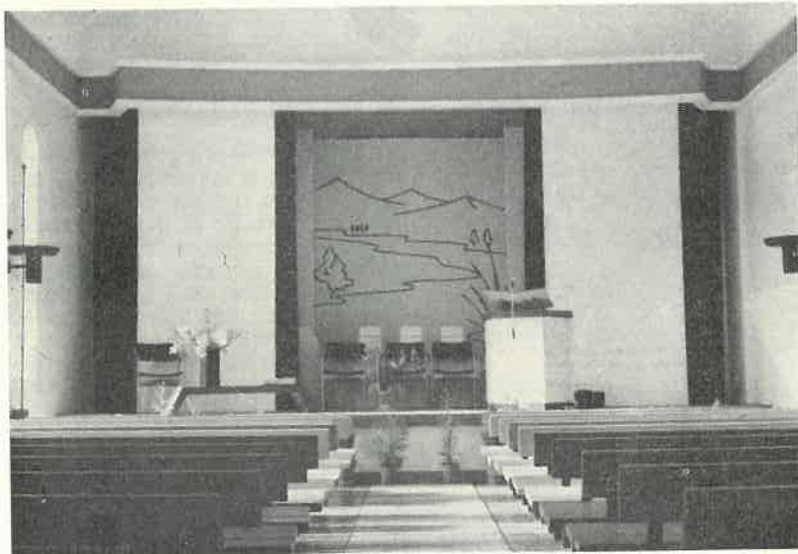
Decorre cerca de um ano e chegou o grande dia de 8 de Maio de 1971, e às 15,30 horas abríamos a porta principal para o público, do Templo Adventista do Sétimo Dia, na Rua Latino Coelho, n.º 8, em Setúbal. Solemnemente subimos a escadaria de mármore e não foi sem emoção que disputámos, dando preferência um ao outro, com o Ancião da Igreja, quem seria o primeiro a entrar, sendo-me concedida essa honra, seguida logo por imensa multidão que encheu todos os lugares possíveis, comprimindo-se cerca de 700 pessoas onde mal haveria lugar para 400.

Um pouco antes da hora marcada recebíamos o Presidente e o Secretário da União, o Pastor da Igreja central de Lisboa, os componentes do côro e diversos irmãos de Lisboa e das Igrejas mais próximas.

As 16 horas chegava o Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal, que se dignou presidir à inauguração.

Por entre a multidão víamos figuras de relevo, autoridades administrativas, educativas e em lugar marcante os dignos representantes da Imprensa local, na pessoa dos seus Directores, que em belos artigos se associaram em anunciar e descrever o programa inaugural.

Foi orador o Presidente da União Portuguesa que, no seu estilo profundamente cristão,



Setúbal — Aspecto interior, vendo-se ao fundo o baptistério



Setúbal — Marilyn Melim cantando acompanhada a harpa

baseando-se em 1 Cor. 1:30, apresentou Cristo como sendo para nós Sabedoria, Justiça, Santificação e Redenção.

Coube-me a apresentação das saudações e ao Ancião da Igreja um breve apontamento da história da Igreja de Setúbal e da construção. Num gesto de amizade e amável cooperação, deslocou-se propositadamente de Coimbra a irmã Marilyn Melim, para nos deliciar com a sua já conhecida vocação musical, num solo acompanhado a harpa.

Além de dois hinos cantados pela assistência, incluídos no programa distribuído à entrada, o cântico esteve a cargo do câro da Igreja, sob a direcção do jovem artista João Paulo, num número pelo câro e outro por um quarteto.

O grande sonho estava realizado. Para isso nos tínhamos preparado numa vigília de oração que começou ao pôr do sol e se prolongou até ao início da Escola Sabatina, em que se leram os 4 Evangelhos, diversos períodos de oração e meditação, como procurando ouvir a voz de Deus, prometendo nos estar connosco.

Estavam recompensados todos os esforços dispendidos, de que desejamos salientar as entidades e firmas que tão generosamente contribuíram com facilidades, muitos milhares de escudos, quer em trabalho ou material, e aos incansáveis amigos e irmãos que em trabalho da sua especialidade, dispenderam, por vezes até de madrugada, o melhor que lhes foi possível, não tendo em conta mesmo os seus princípios religiosos, para esta realidade. Infelizmente nem a todos a vida se prolongou para verem o resultado da sua inestimável cooperação. A todos o nosso sincero reconhecimento.

Finalmente tínhamos um lugar digno para louvar a Deus, que no dizer do público, é um lindo e belo Templo.

Ali estava o Templo por que tanto tínhamosorado. Era necessário começar a utilizá-lo, e a dedicação que sempre o caracteriza levou o Pastor E. Rodriguez a aceitar o convite de vir fazer uma série de conferências, magnificamente ilustradas, a partir do Domingo seguinte Cerca de 40 pessoas, que nunca tínhamos visto na Igreja, seguiram diariamente, com a sua Bíblia e possivelmente pela primeira vez, os estudos bíblicos, que terminaram com uma comovente cerimónia baptismal, no Sábado dia 15, à noite.

Foram oito preciosas almas arrancadas e disputadas ao poder de Satanás, que sepultaram os seus pecados pelo baptismo e a um solene apelo responderam mais 22 pessoas que tiveram a

coragem de vir à frente testemunhar o seu desejo de em breve ocuparem o lugar como candidatos ao baptismo. Os certificados foram entregues aos novos irmãos pelas pessoas que mais de perto contribuíram para a sua conversão, em que se viam uma mãe, um cunhado, uma vizinha, um amigo, preenchendo o Secretário da Igreja o lugar dos ausentes.

A nossa gratidão aos Pastores e diversos irmãos que nos visitaram das Igrejas mais próximas e em excursões vindas de longe. Obrigado pelos vossos coros, solos e bela música, e o calor da vossa companhia nesta festa da Igreja de Setúbal, que ainda se prolonga durante o mês de Maio, com visitas de excursões com os seus programas.

Rogamos que orem ao nosso bom Deus para que sejamos cheios de sabedoria do Alto para usar este Templo e encaminhar almas aos pés do Salvador. Sentimos o peso da responsabilidade e procuramos unir a nossa força à força do Céu, para n'Ele fazermos proezas.

Até aqui nos ajudou o Senhor. Vosso irmão em Cristo

Francisco Cordas

LISBOA (Igreja Central)

Semana de Reavivamento Espiritual dos M. V.

De 20 a 28 do passado mês de Março teve lugar na Igreja Central de Lisboa uma maravilhosa Semana de Reavivamento Espiritual dos M. V.

Inspiradoras e oportunas mensagens, adequadas às necessidades e aos problemas da Juventude, foram apresentadas cada



Setúbal — Aspecto parcial da assistência

noite. Eis alguns dos temas versados: O Sexo Realidade e Vitória, A Fumaça do Maligno, A Tipografia do Demónio, A Escravatura do Século XX e outros.

Apraz-nos informar que durante esta semana a valorosa juventude da nossa Igreja tomou a decisão de tirar das prateleiras de suas estantes toda a tipografia do demónio, todo o lixo de Satanás, que foi completamente encinerado por ocasião de um passeio realizado no domingo, dia 28. Alguns largos quilos de literatura pernicioso, de histórias de quadrinhos, de autêntico lixo do demónio foi pasto das chamas, nessa tarde memorável.

Essa abençoada semana foi solene e festivamente encerrada com o «Baptismo da Primavera» quando treze rapazes e meninas, ainda na primavera da vida, se entregaram nas mãos do seu Senhor, através do acto do baptismo.

Fim da jornada

No passado dia 18 de Abril cumprimos o doloroso dever de acompanhar à sua última morada aqui na terra a nossa prezada irmã Maria Duarte de Sousa.

A saudosa irmã era avó do Pastor David Vasco, Secretário Tesoureiro da União Portuguesa.

Dedicada cristã, descansou no Senhor aos 83 anos de idade, tendo sido baptizada em 1930.

Juntamente com sua família, aguardemos o raiar da manhã gloriosa da ressurreição.

Curso de Orientação da Família

É com agrado que informamos que no passado mês de Abril, demos início a um Curso de Orientação de Família que está despertando um vivo interesse tanto entre os irmãos que têm suas famílias já constituídas, como entre os próprios jovens que no mais recôndito de seu coração acalentam este justo ideal.

É numerosa a assistência que cada quarta-feira, acorre ao salão de reuniões onde damos a classe a fim de acompanhar passo a passo este interessante curso.

Findo este, será passado um certificado a todos quantos o completarem, com um mínimo de aproveitamento e presenças.

Excursão ao Norte de África

Quarta-feira, dia 27 de Abril, um simpático grupo de jovens, amigos e irmãos da Igreja, tomavam o seu lugar num belo e confortável autocarro de turismo

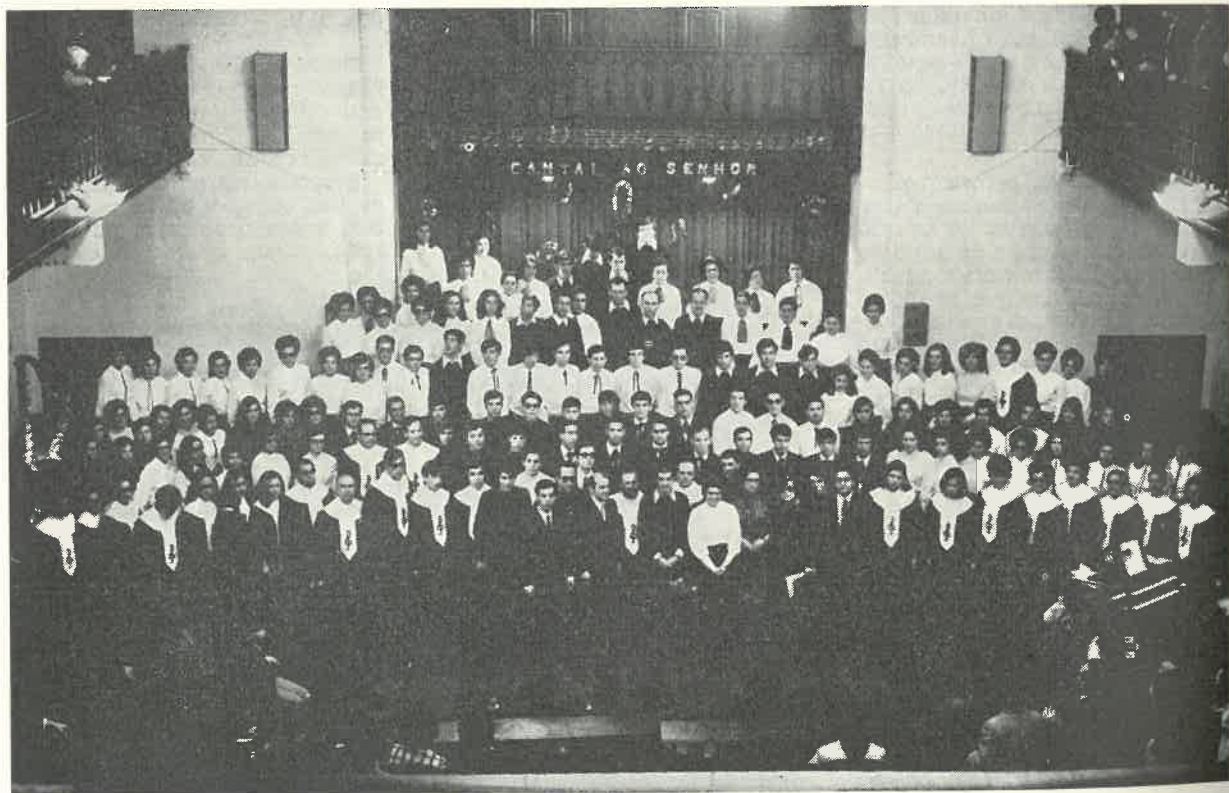
da firma Barraqueiro, a fim de iniciar uma rápida viagem de pouco mais de quatro dias, com destino a África — Marrocos.

Foram belos e inesquecíveis esses tão curtos dias.

Depois das indispensáveis paragens em Sevilha, Cadiz e Algeciras, em Espanha, finalmente embarcamos num «ferry boat» de 5.000 toneladas, da companhia Transmediterrânea, que nos conduziu numa agradável viagem de duas horas com destino a Tanger.

Logo à chegada, o ambiente oferece-nos um espectáculo completamente inédito e curioso. O idioma é-nos estranho. Estranhas são as mulheres de rosto encoberto e os homens de turbantes e longas vestes. O conjunto arquitectónico da cidade é tipicamente oriental. Aqui e ali destacam-se imponentes mesquitas árabes e sinagogas judaicas. Por toda a parte vêem-se mercadores de tapeçarias e outros objectos do artesanato árabe. Nas ruas estreitas dos bairros árabes fervilham multidões de mouros, sendo numerosos aqueles que oferecem as mais variadas mercadorias.

O tempo era curto. Dispúnhamos de pouco tempo e havia que aproveitá-lo. Tiravam-se fotografias, slides e filmes em movimento; faziam-se compras; procuravam-se os camelos e os en-



Lisboa — Conjunto Coral do Festival de Coros Sacros

cantadores de serpentes para posar junto deles; percorria-se de taxi os lugares mais típicos da cidade e dos arredores. Enfim, cada um procurava aproveitar da melhor maneira, a sua estadia naquela cidade africana que tantas curiosidades oferece ao turista observador.

De regresso a Portugal passamos por Aracena que dista 89 km. de Sevilha, não muito longe da nossa fronteira, que oferece aos seus visitantes a beleza incomparável da «Gruta das Maravilhas», a caverna mais extensa da península, com 1.200 metros de extensão.

I Grande Festival de Coros Sacros

Foi com grande brilhantismo que se realizou no passado domingo 16 de Maio, o I Festival de Coros Sacros da Igreja Adventista em Portugal, que teve o seu início solene, com uma oração proferida pelo Pastor Ernesto Ferreira, digníssimo Presidente da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

Participaram neste serão, coros vindos da Amadora, Espinho, Oliveira do Douro, Setúbal, Lisboa (Central) e de General Roçadas.

Uma multidão inusitada acorreu ao salão da Rua Joaquim Bonifácio para assistir curiosa, a este desfile de arte. Entre o numeroso público encontravam-se dois representantes da Rádio que gravaram integralmente o programa e entrevistaram o grande animador deste encontro, prof. Gerson Gorski Damaceno, do Conservatório de Música do Instituto Adventista de Ensino de S. Paulo (Brasil) e actualmente regente do coro da Igreja Central de Lisboa, que, desde há alguns meses se encontra no nosso país, como bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

O primeiro coro a apresentar-se foi o da Amadora, regido pela Sr.^a D. Maria Augusta Pires. Foi com inexcusável beleza e arte que este conjunto coral executou três números do seu repertório que agradaram em cheio a toda a assistência, que, embevecida, escutava atenta e silenciosamente. Seguiu-se o coro de Espinho dirigido pelo jovem Joaquim Ferreira. Dada a sua originalidade, acompanhando com gestos o canto, este coro agradou particularmente a todos os presentes ao interpretarem cinco maravilhosos Espirituais Negros. Em seguida ouvimos um simpático coro feminino que representava a Igreja de General Roçadas em Lisboa. Foi seu regente, o pastor daquela Igreja, Sr. Teófilo Fer-

reira, que, com muita maestria e arte, unidas ao seu vasto conhecimento musical, dirigiu o seu conjunto coral em duas belas interpretações que foram muito apreciadas.

Foi agora a vez da apresentação do coro da Igreja de Oliveira do Douro, também dirigido pelo seu jovem pastor Sr. Valter Miguel que, confiante nas elevadas capacidades dos seus companheiros, os dirigiu em quatro excelentes interpretações. Um coro sucedia o outro. Assim, em quinto lugar, na ordem de apresentação, desfilou diante do público visivelmente animado, o coro de Setúbal.

A frente deste conjunto coral estava o Sr. João Paulo Trindade Reia, que, evidenciando fortes tendências musicais, regeu três belos hinos maravilhosamente interpretados pelos jovens sadi-

Estavamos chegando ao final da primeira parte deste Festival de Coros, que, não tendo nada de carácter competitivo, tinha no entanto como único objectivo, incentivar o gosto pelo bom canto, promover a criação de novos coros, desenvolver a capacidade do canto em conjunto e promover um maior intercâmbio social, cultural e artístico entre a juventude portuguesa.

Prestadas que foram as honras da casa aos estimados visitantes, era agora a vez dos donos da própria casa se apresentarem em público neste final da primeira parte.

Dirigidos pelo prof. Gerson Gorski Damaceno, o coro da Igreja de Lisboa interpretou quatro belos hinos que, no conjunto do

Festival, contribuíram por certo para o sucesso desta feliz iniciativa.

Após a apresentação de cada coro a assistência, vibrante de alegria, procurava manifestar toda a sua simpatia e agrado, levantando e agitando discretamente a mão direita, num aceno gentil, inocente e expressivo, que entre nós está sendo bastante vulgarizado em reuniões desta natureza.

Depois de uma pequena entrevista feita a cada regente no fim da actuação do seu conjunto, foi-lhes oferecido um pequeno «bouquet» de flores, trazidos alternadamente por duas pequeninas, como prova do nosso maior apreço.

Findo um curto intervalo, todos os coros presentes foram agrupados num coro único que marcou o «climax» deste I Grande Festival de Coros.

Mais de cento e cinquenta jovens de diferentes Igrejas da Conferência Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, formaram um majestoso conjunto coral, num misto de uniformes e de cores. A frente, para regê-los, estava o Sr. Gerson Gorski Damaceno.

Estes momentos marcaram uma impressionante nota positiva neste encontro.

A expectativa e a surpresa do público eram manifestamente visíveis.

Grande festa musical! Este acontecimento era já um «acontecimento notíciá». Dele haveria de falar a rádio e a imprensa e nele, por muito tempo mais, haveriam de falar não só os seus participantes, como toda aquela



Angra do Heroísmo — Do outro lado da linha, o obreiro local era entrevistado e escutado nos Açores através da Rádio

multidão que se apinhava no vasto auditório.

Foi com profunda concentração que escutámos quatro extraordinárias interpretações de H. Carey, Haendel e W. Warren.

Ninguém podia esconder a satisfação e o agrado que este Festival lhe estava proporcionando. Mesmo depois da oração de despedida proferida pelo signatário destas linhas, ninguém ousava abandonar o seu lugar, como que esperando a continuação do programa, pelo que o coro continuou cantando mais alguns números extra festival.

Indubitavelmente este Festival foi um autêntico sucesso que ultrapassou todas as expectativas. Marcou um novo marco na história das actividades sociais da Igreja Adventista e foi uma prova inequívoca daquilo que a nossa juventude sabe e pode realizar, quando devidamente animada e orientada.

Está pois de parabéns o organizador deste I Festival de Coros da Igreja Adventista em Portugal, Sr. Gerson G. Damaceno. Estão de parabéns todos os regentes pela maneira eficiente como dirigiram os seus coros e pelo programa selecto que nos propiciaram.

Estão de parabéns também todos os participantes do Festival pelas maravilhosas interpretações que nos ofereceram, num inolvidável espectáculo de arte.

Está, de igual modo, de parabéns a Sr.^a D. Tereza Baião, que, de uma forma tão acentuada contribuiu para o completo êxito desta festa, acompanhando ao piano os diferentes coros. Estão finalmente de parabéns todas as Igrejas Adventistas, que nos di-

ferentes lugares da Conferência Portuguesa, souberam apoiar esta iniciativa.

Não queremos terminar esta notícia sem uma palavra de agradecimento ao Pastor A. Baião pela gravação integral do programa e ao Pastor David Vasco pelas fotografias.

Bem haja a todos e para todos vai o sincero obrigado da Igreja Central de Lisboa.

Vitor Martinez

MISSÃO DOS AÇORES

Na Ilha Terceira uma porta se abriu

No decorrer do nosso terceiro ano nos Açores, bem podemos dizer com Samuel «Até aqui nos ajudou o Senhor». Com efeito, desde a inauguração da nova igreja das Lages, muitas foram as vitórias alcançadas contra «os filisteus» dos nossos dias.

Tínhamos aí já a luz do Evangelho, mas faltava-nos a luz eléctrica. O comando da base é quem a fornece nas redondezas. Fez-se o requerimento e ela nos foi dada maneira especial concedida pelo Ex.^{mo} Sr. Comandante.

Mas o caminho de acesso à nossa igreja estava impraticável a viaturas automóveis. Era necessário utilizar a base como melhor meio de acesso. Não era autorizável a saída pelo posto 3. Requereu-se de novo e dum modo excepcional o sr. Comandante de novo assinou. Por outro lado o Senhor ofertou-nos pelo Natal, através da Comunidade religiosa americana, algumas dezenas de cabazes de Natal que foram distribuídos por todos os irmãos e interessados. Mas a sur-

presa tornou-se maior quando no próprio dia de Natal à nossa porta chegou uma carrinha plena de caixas com brinquedos para a nossa festa de Natal, e outras com sabonetes e material dentífrico que bem serviu como lembranças para os que assistiram à reunião. O responsável por esta oferta não quis esquecer o casal de obreiros, obsequiando-lhes um original presente: seis caixas de batatas e dois sacos de cebolas. Traduzimos isto como uma dádiva do Céu.

Começavam em Angra a cair algumas bátegas de bençãos, depois de uma estéril estiagem. De facto tivemos o privilégio de receber na Igreja sete criancinhas que as dedicamos ao Senhor, entre as quais o infante Marcos Daniel, filho dos missionários locais. Depois da visita do Director da Missão, em que presidiu a uma sessão baptismal no princípio do Verão passado, voltámos a tê-lo entre nós, desta feita para nos conduzir o Pastor Ferreira que visitava toda a missão, no fim do mesmo verão.

Depois de os dois diários da terra terem dado a notícia da visita dos nossos irmãos pastores, no Sábado pela manhã, os Açores foram despertados pela voz da locutora da Rádio que dizia: «Vindo de S. Miguel, encontra-se em Angra o Pastor Ernesto Ferreira, presidente dos Adventistas do Sétimo Dia em Portugal, que visita a missão adventista local. Acompanha-o o Pastor M. Laranjeira, director da Missão com sede em S. Miguel».

Isto era o princípio duma porta que se abria. Deus tem algo a realizar nesta terra. Assim pelo Natal, a propósito da nossa reunião especial, tentámos com a ajuda de Deus ir mais além. Pensámos conseguir uma entrevista na Rádio, e através do telefone, como se faz para outros acontecimentos populares, no programa Panorama.

Deste modo, no Sábado 26 de Dezembro, às 21,30 horas, depois de uma música alusiva à quadra, começou-se a ouvir o locutor: «Panorama é sobre o acontecimento... Natal é época de paz, de amor... e de compreensão para com todos, mesmo para aqueles que andam por caminhos diferentes, mas que comungam dos mesmos ideais cristãos de amor e de justiça... foi assim que os Adventistas do Sétimo Dia celebraram a sua festa de Natal... Panorama é uma porta aberta para o acontecimento, e vamos entrar em linha com o sr. Daniel Simões da Silva, pastor da Igreja Adventista... Está lá?... pode-nos dizer acerca da vossa festa?... Onde se realiza?... A que



Nos estúdios do Rádio Clube de Angra, enquanto o locutor entrava em linha com o obreiro adventista



Funchal — Membros que trabalharam com «A Bíblia Responde»

horas é?... de que consta o programa?...

No espírito de perfeita cordialidade prosseguiu nossa conversa em público, difundida para todos os Açores através do Rádio-Clube de Angra, durante mais de um quarto de hora. Falámos do programa de nossa reunião: encontro da poesia, da música, de cânticos espirituais e da Vida de Cristo através da imagem (slides). Foi-nos perguntado ainda se estávamos de acordo com a ideia de que o 25 de Dezembro não correspondia ao verdadeiro dia do nascimento de Cristo. Respondemos que sim e que como em programa na véspera, aceitávamos esse dia como a festa ao nascimento de deus-sol romano.

Salientámos a importância do amor fraternal e neste momento vimos uma coisa preciosa para agradecer a generosidade terceirense na nossa anual Campanha das Missões. Disse que geralmente ela é feita por senhoras devidamente autorizadas e cuja receita se destina aos nossos irmãos das missões do ultramar.

O apresentador perguntou-me se tinha algo mais a acrescentar, e logo interpretei como uma ocasião divina para expor as nossas crenças. E a título de informação propus explicar quem são os Adventistas do Sétimo Dia. Falámos então da nossa Bem-aventurada Esperança do Advento de Cristo, lembrando o credo que diz «creio que Ele há-de vir». Muito sucintamente explicámos o «7.º dia», apontando o repouso bíblico do Sábado que nos primeiros séculos fora mudado, desta vez não pelo dia do

nascimento do sol, mas pelo dia de repouso dedicado ao culto do sol em Roma. Terminámos dizendo que a mola que move o nosso movimento é o amor fraternal e o amor a Deus, resumo de toda a lei. O locutor pareceu gostar da nossa conversa amena e, agradecendo, formulou votos para que esta não fosse a primeira, ao contrário outras ocasiões se sucedessem.

Agora desde Angra até às Lagoas, passando pelas freguesias, mais portas se nos abrem. Desde essa ocasião fomos procurados por várias pessoas, quer pedindo esclarecimentos quer a colaboração para seus problemas. Neste

contexto de abertura vamos já sendo beneficiados em nossa obra.

Na Caritas, organização de Caridade, da qual comissão o pastor local foi convidado a fazer parte pelo seu presidente, Dr. Costa e Silva, temos tido bons contactos. Além do Dr. C. de Oliveira, sacerdote conhecedor da nossa literatura, contactámos com o sr. presidente de três organizações em Angra, entre as quais uma empresa de exploração de cinema. Ele nos ofereceu as suas modernas instalações, para as nossas reuniões especiais. Ainda está projectando realizar conferências de cultura pública, pelo que em Abril, antes de aí termos a nossa festa das Mães, estamos convidados para proferir uma palestra sobre Liberdade Religiosa, que será transmitida pela Rádio local.

Sim, as portas abrem-se. Abriam-se para a nossa igreja que agora pode anunciar as reuniões especiais, gratuitamente, no Rádio-Clube. Não sem adversários, alcançámos em Janeiro mais uma outra vitória, e esta para a Voz da Esperança que devido a arranjos técnicos, só começou a ser transmitido a partir do primeiro Sábado de Março.

Por todos estes triunfos, terminamos com as palavras de Paulo: «(Em Angra) uma porta grande e eficaz se nos abriu». Que muitas almas passando por ela cheguem até à porta do Céu, o Senhor Jesus. Amen.

Daniel Simões da Silva



Os novos membros da Igreja do Funchal

MISSÃO DA MADEIRA

A noite de 28 de Fevereiro ficará para sempre na memória de todos quantos de longe ou de perto nos visitaram para assistir a mais uma cerimónia de baptismos. Com uma assistência recorde, estimada entre 400 a 500 pessoas que enchiam por completo o vasto Templo, sentimos verdadeiramente a presença do Espírito Santo. Já muito antes do início do serviço religioso todos os lugares estavam literalmente ocupados e até mesmo as coxias tinham gente que se acotovela. Demos início à cerimónia baptismal ouvindo o coro da Igreja que nos levou para mais perto do Senhor com a sua excelente interpretação e depois da pregação que focou a necessidade de obtermos as vestes brancas da justiça, veio a propósito o solo cantado pelo Ir. Jaime Fernandes. A assistência estava em suspenso acompanhando o ritmo musical e ao apagarem-se as luzes da sala ficando apenas o baptistério feericamente iluminado, começaram descendo às águas as treze almas que se entregaram ao Senhor. Muitas lágrimas deslizaram suavemente pelos rostos enquanto que no silêncio da alma os membros desta Igreja iam orando e cantando. Cada novo membro desta Igreja recebeu uma camélia branca como recordação desta sua entrega a Jesus e a noite ia já avançada quando terminamos e nos despedimos de todos. Alguns destes novos irmãos foram interessados pelo Curso «A Bíblia Responde» e uma família de cinco pessoas pelo contacto com um ex-adventista. Eis como se passaram as coisas:

Há aproximadamente vinte anos um indivíduo de nome Luiz Calisto foi eliminado do registo da Igreja. No entanto, no seu coração brilhava a centelha de esperança que anima todos os que se entregam ao Senhor. Numa freguesia distante, S. Vicente, Luiz Calisto deu uma Bíblia a um casal e falou-lhes na necessidade de se tornarem Adventistas. Este casal nada mais soube durante todo este tempo, senão que os Adventistas guardavam o Sabado, e durante mais de 10 anos com a Bíblia na mão foram perseguidos e escoraçados. A Esposa do casal vem para o hospital do Funchal e ali entra em contacto com uma nossa irmã e trocam impressões sobre as Sagradas Escrituras. Após a saída do hospital comecei por visitar a família em questão todas as semanas na freguesia de Serra de Água até que chegou finalmente o dia do baptismo. Luiz Calisto vem ao Funchal assistir aos baptismos, percorrendo com sua Esposa e filhinho uma distância de 180 quilómetros e decidiram voltar a descansar nos braços amorosos do Salvador. Eu vi uma lágrima nos olhos de Luiz Calisto quando veio à frente da Igreja entregar o certificado de baptismo e abraçar aqueles que por seu intermédio se juntaram aos eleitos do Senhor. A noite de 28 de Fevereiro ficou gravada com letras de oiro nos registos da Igreja e temos a plena convicção que estes treze nomes ficaram também gravados nos livros do Céu. Estamos actualmente animados no desenvolvimento das Escolas Cristãs de Férias e estamos também animando as crianças no sentido de uma melhor



António Gomes

aproximação com Jesus. Estamos procurando ser fieis ao alvo que está na fronteira do Templo: **UNIDOS NA ESPERANÇA E NO SERVIÇO.**

Orai por nós

Orlando Costa

Aguardando a Ressurreição

Vitimado por uma trombose que se repetiu, tombou até à bendita manhã da ressurreição o dilecto filho desta Igreja do Funchal, António Gomes, homem de fino trato e de porte correcto. O seu nome e a sua conduta permitiram que em toda a Ilha tivesse amigos e por todos era estimado. Antigo construtor civil deixa o seu nome ligado a muitas obras de grande envergadura no Funchal e também por isso o seu funeral foi muito concorrido por pessoas de todas as camadas sociais que o acompanharam até à sua última morada. Pai extremoso, deixa no luto seu filho o Pastor Juvenal Gomes ausente em Angola, sua nora Irmã Maria José e netos, além de outros filhos nesta cidade. Foi baptizado em 1937 pelo Pastor M. Leal e durante os 34 anos que viveu na Mensagem Adventista recordava-nos sempre saudoso os pastores com quem colaborou. A Igreja do Funchal está de luto e no cemitério os seus irmãos na fé derramaram uma lágrima de saudade. Tivemos oportunidade de testemunhar perante vasta assistência que a morte será tragada finalmente e que a nossa bendita esperança está n'Aquele que afirmou: «Eu Sou a Ressurreição e a Vida». Junto ao túmulo silenciaram-se os corações enquanto o corpo descia à terra e esperançosos de o rever, continuamos militando na fé. Ao Pastor Juvenal Gomes, sua Esposa e filhos em particular, a Igreja do Funchal apresenta os pêsames.

Orlando Costa



Apresentação dos novos membros da Igreja do Funchal

A GLÓRIA DA GRAÇA DE DEUS

(Continuação da pág. 4)

três dias para o Monte Moriá, o conflito entre a dúvida e a fé, a esquadrihcação da alma, o terrível temor que se apoderou do seu coração? Quando o seu filho perguntou «Onde está o cordeiro?» — foi com evasão e decepção, ou com a fé abalada pela tormenta apegando-se à única esperança do homem, que Abraão respondeu: «Deus proverá para Si, meu filho, o cordeiro para o holocausto». Certamente que essa era a espécie de fé que lhe foi imputada por justiça. Somente tal fé em Deus e no sacrifício que Ele haveria de providenciar levaram pai e filho ao local onde estavam dispostos a render completa obediência ao mandamento de Deus.

Deus viu e proveu

Contudo, o sacrifício de Abraão, terrível, medonho e exigente como poderia ter sido, não foi realizado. Com um coração que compreendia melhor, e sob nova forma, a maravilhosa provisão para a necessidade do homem, Abraão ofereceu o carneiro que o Senhor proveu em lugar de seu filho.

Sim, Deus viu e proveu. No Calvário, porém, não havia ninguém para deter-Lhe a mão, para ter compaixão. O próprio Céu esvaziara-se, e o Filho de Deus sorveu o cálice da angústia até o fim. A desolação da cruz foi completa, a justiça ficou satisfeita. «Temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão dos pecados.» Efés. 1:7.

Compreender que Ele viveu e morreu por nós, individualmente, é chegar junto ao lugar em que o medo e o receio de que Ele domine a nossa vida já não existem. Temos visto a Sua face e sabemos que o Seu amor é ilimitado, a Sua misericórdia é imensa e gratuita. E, maravilha das maravilhas, descobriu-me a mim! Podemos dizer com Paulo: «Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.» Gál. 6:14.

«Todo o cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas também de apressá-la.»

Parábolas de Jesus, pág. 69.

AGENDA ADVENTISTA

Julho de 1971

CALENDÁRIO DA IGREJA

Dias

- 3 — Dia Médico-Missionário
- 3 — Oferta para as Atividades Leigas da Igreja
- 17 — Oferta de Verão para as Missões
- 30 — Oferta para a Educação Cristã e Escolas de Igreja

TABELA DO PÔR-DO-SOL

Dias	Lisboa	Funchal	Ponta Delgada
2	21.06	19.18	20.18
9	21.04	19.18	20.16
16	21.01	19.15	20.12
23	20.56	19.11	20.08
30	20.51	19.08	20.02

DEVOÇÃO MATINAL

ENFRENTAMOS O FUTURO COM CORAGEM

- | | | |
|---------|------------------|--|
| Qui. 1 | — 1 João 4:15 | — Para confessar a Cristo |
| Sex. 2 | — Rom. 15:4 | — Para estudar as Escrituras |
| Sáb. 3 | — Prov. 29:25 | — Para confiar n'Ele |
| Dom. 4 | — Prov. 10:29 | — Para andar nos Seus caminhos |
| Seg. 5 | — 1 João 4:18 | — Para disfrutar amor perfeito |
| Ter. 6 | — Josué 1:7 | — Para viver em harmonia com a Sua lei |
| Qua. 7 | — Ex. 20:20 | — Para guardar o Sábado |
| Qui. 8 | — 2 Tim. 1:7 | — Deus dá um espírito de poder e amor |
| Sex. 9 | — Josué 1:9 | — O senso da presença de Deus afasta o temor |
| Sáb. 10 | — Sal. 23:6 | — A bondade e misericórdia de Deus inspiram coragem |
| Dom. 11 | — 2 Crón. 20:21 | — O louvor a Deus dá coragem |
| Seg. 12 | — Efés. 5:8 | — O andar na luz dá coragem |
| Ter. 13 | — Mat. 24:12, 13 | — Perseverar, mesmo que o amor dos outros esfrie |
| Qua. 14 | — Ageu 2:4 | — Sejamos fortes, porque Deus está conosco |
| Qui. 15 | — Ex. 9:16 | — A coragem e o poder são necessários hoje |
| Sex. 16 | — 1 João 2:14 | — Deus chama os jovens porque são fortes |
| Sáb. 17 | — Gén. 22:12 | — Abraão e Isaque demonstraram coragem |
| Dom. 18 | — 1 Reis 18:44 | — Elias recusou desanimar |
| Seg. 19 | — Num. 13:30 | — Necessitamos de mais Calebes e Josué |
| Ter. 20 | — 1 Sam. 14:6 | — Dois bravos jovens derrotam os filisteus |
| Qua. 21 | — Ex. 32:1 | — São necessários mais como Moisés, menos como Aarão |
| Qui. 22 | — Tiago 1:6 | — Demasiado em jogo para fraquejarmos agora |
| Sex. 23 | — Sal. 1:1 | — Devemos permanecer firmes, apesar do ridículo |
| Sáb. 24 | — 1 Cor. 9:25 | — Decidamo-nos a ser temperantes |
| Dom. 25 | — Neem. 6:3 | — Tenhamos princípios quando enfrentamos a oposição |
| Seg. 26 | — Josué 7:19 | — Chamemos o pecado pelo seu verdadeiro nome |
| Ter. 27 | — Isa. 62:10 | — Levantemos bem alto o estandarte |
| Qua. 28 | — Dan. 2:23 | — Enfrentemos a morte com a coragem de Daniel |
| Qui. 29 | — Mal. 3:17 | — Os corajosos encontram-se entre as joias de Deus |
| Sex. 30 | — Isa. 43:5, 6 | — Deus está com os Seus filhos |
| Sáb. 31 | — Isa. 40:31 | — Restauração de forças |

ANO BÍBLICO

Salmos 90 a Isaías 33

CÁLICE ÚNICO OU COPOS INDIVIDUAIS NA SANTA CEIA?

Por vezes, surge entre os crentes a pergunta se não seria mais próprio usar um cálice único em vez de copos individuais na Santa Ceia. Pergunta-se também se nos escritos de E. G. White não se encontrará algo a esse respeito.

Em carta dirigida a A. V. Olson, à data presidente da Divisão Sul-Europeia, que o consultara sobre o assunto, escreveu Artur L. White: «A irmã White nada escreveu a respeito deste assunto, mas temos nos nossos maços um grande número de comunicações escritas por meu pai relativas ao caso, e vou copiar quatro parágrafos de uma carta que ele escreveu em 9 de Dezembro de 1929.»

O pai de Artur, William G. White, era filho da irmã E. G. White. Trabalhou com a sua mãe até à altura em que ela morreu, em 1915. Desde então até à morte, em 1937, foi o guarda de todas as suas cartas e manuscritos. Por isso, ele estava em boas condições para saber o que a irmã White tinha escrito sobre diferentes assuntos e mais familiarizado com as suas atitudes e práticas do que qualquer outro poderia ter estado.

Eis os quatro parágrafos acima mencionados:

«Recordo-me muito bem de que este assunto (o do copo individual para a Santa Ceia) foi trazido à atenção da ir. White por várias vezes de 1909 a 1914.

«Em resposta às perguntas submetidas à ir. White respeitantes à limpeza e vantagem de usar o copo individual na comunhão, a ir. White deu a resposta uniforme de que o assunto não era de carácter a levantar controvérsia em nenhuma igreja. Se uma igreja era unânime no seu desejo de usar o cálice comum, e se os seus membros compreendiam o risco para a saúde em assim fazer, tinham o privilégio de seguir as suas preferências.

«Por outro lado, se a uma igreja parecesse aconselhável usar o copo individual, ninguém julgasse que era um erro. Além disso, ela afirmava que considerando as condições sanitárias que nos rodeiam nestes últimos tempos, julgava muito mais conveniente pôr em prática o uso do copo individual. Isto fazia ela quando assistia a algum serviço onde o uso do copo individual tinha sido adoptado pela congregação.

«Em vista do facto de que a ir. White recebeu muita luz a respeito da Ceia do Senhor como foi celebrada por Cristo e pelos Seus discípulos, em vista do facto de que ela escreveu muito relativamente à celebração

da Ceia do Senhor pelo Seu povo nestes últimos dias, referindo-se a quase todas as fases espirituais em que devíamos estar quando tomamos parte nessa cerimónia, e em consideração do facto de que em nenhum dos seus livros, e em nenhum dos seus sermões, nunca afirmou que no serviço da comunhão fosse aconselhável usar o cálice comum, — em vista destas circunstâncias e do facto de que ela deu sanção ao uso do copo individual, e de que ela mesma o usou, há, parece-me, abundância de evidência para que nos sintamos perfeitamente livres para usar o método que seja mais favorável para evitar a transmissão de doenças.»

Este dados encontram-se num artigo de A. V. Olson, intitulado «Sobre o Uso dos Capos na Santa Ceia», que apareceu no n.º 3 da *Revista Adventista*, de Setembro-Outubro de 1940, pág. 10.

ELLEN G. WHITE E O DOM PROFÉTICO

(Continuação da pág. 6)

«Tenho uma mensagem para ti» — disse ela a Tiago White. — «Deves começar a publicar um pequeno jornal e mandá-lo ao povo. Que seja pequeno a princípio; mas, lendo-o o povo, mandar-te-ão meios com que imprimi-lo, e alcançará bom êxito desde o princípio. Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo.» — *Vida e Ensinos*, pág. 127.

«Torrentes de luz que circundavam o mundo!» Como poderia ser isto? Jesus deveria voltar em breve, e os crentes eram poucos. Não havia ninguém que fosse rico nesse pequeno grupo reunido em 1848. Não havia entre eles grandes eruditos. O mundo era incrédulo. Contudo havia entre eles uma jovem mulher que pregava dever iniciar-se uma publicação com despesas pagas pelo seu paupérrimo marido, e que essa publicação cresceria até envolver o mundo. Mais de seis meses se passaram antes que Tiago White pudesse fazer o mínimo arranjo para a publicação de um pequeno jornal de oito páginas, publicação essa que não iria além de mil exemplares. E o débito com o impressor foi posto numa conta a pagar!

A revista que surgiu — *Present Truth* (Verdade Presente) — tornou-se a primeira de um grande número de revistas que a partir daí apareceram para iluminar o mundo com as boas novas do Evangelho e as alegres novas da segunda vinda de Cristo!